

**ASPECTOS LEXICAIS DO PORTUGUÊS
FALADO NA COMUNIDADE TIROLESA
DA CIDADE DE PIRACICABA – SP**

Everton Altmayer Leopoldino (USP)
altmayer@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Os empréstimos lexicais da variante caipira do português existentes no dialeto trentino da comunidade tiroleza de Piracicaba, no Estado de São Paulo, são fruto do contato linguístico ali existente há mais de um século. A comunidade se concentra em dois bairros rurais vizinhos, Santana e Santa Olímpia (doravante **S** e **SO**), incluindo a Fazenda Negri, cuja maioria dos habitantes descende de tirolezes (trentinos¹). Decorridos mais de cem anos desde a fundação dos bairros (outrora fazendas), preservam-se duas variantes dialetais trentinas, próprias a cada bairro. O dialeto trentino (ali chamado *tirolés*) é mantido, sobretudo, pelos falantes mais velhos da comunidade. As variantes dialetais são aquelas referentes aos locais de origem das famílias: **S** preserva os falares da região de *Cortesano*, *Meano* e *Vigo Meano* e **SO** preserva os falares de *Romagnano* e *Sardagna* (ainda que algumas famílias do bairro sejam originárias de *Cortesano*). As duas variantes pertencem ao mesmo subdialeto trentino da região de *Val dell'Adige* (= *Etschtal*) classificado por Battisti (1936) como *grupo linguístico do Trentino centro-ocidental*, por sua posição entre duas áreas linguísticas definidas: ao sul, com a variedade da cidade de Trento, com a qual divide várias características e, ao norte, com o

¹ Tirolezes de língua italiana, também chamados em alemão *Welschtiroler*. A atual Província Autônoma de Trento (Trentino) forma juntamente com a Província Autônoma de Bolzano (Sudtirol) uma região autônoma italiana, localizada nas áreas alpinas do extremo norte do país, fazendo divisa com o Tirol austríaco ao norte. O Trentino (outrora *Welsch-Sudtirol*, *Welschtirol* ou *Tirol italiano*) formava até 1918, juntamente com o atual Tirol austríaco, o Estado do Tirol (*Land Tirol*). As origens do Trentino remontam à instituição do principado episcopal de Trento por Carlos Magno; com a influência política dos condes do Tirol (oriundos de *Meran / Merano*) a região foi também administrada pelo condado tirolês e no século XV formava a Federação do Tirol (*Federatio Tyrolensis*), que unia o poder eclesiástico tridentino e a administração política austríaca. O Tirol histórico permaneceu unido sob o Império Austríaco até o final da I Guerra Mundial.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

falar semiladino de *Val di Fiemme*, em direção à região de língua ladina (dolomítica) de *Val di Fassa*. Por ser de uma região alpina limítrofe entre a Itália e a Áustria, o dialeto trentino recebeu influências do idioma ladino (seu antigo substrato) e do alemão (VIARO, 2001; LEOPOLDINO, 2008).

Como afirmado, no Bairro Santana é mantida a variante dialetal dos distritos de *Meano*, *Vigo Meano* e *Cortesano*, que são muito próximas, senão a mesma. Entretanto, em **SO** formou-se uma *koiné* trentina dos falares de *Romagnano*, *Sardagna* e *Cortesano* (este último distrito se diferencia no falar quando comparado aos anteriores), prevalecendo as características linguísticas de *Romagnano* e *Sardagna*, distritos atualmente pertencentes à cidade de Trento. A distinção entre as duas variantes se dá no plano fonético, com algumas diferenças lexicais. No que se refere à fonética, em **S** prevalece o uso das africadas surda e sonora (exemplos: *cìgola* ['tʃigola] <cebola>; *giöch* ['dʒøk] <jogo>) nos casos em que **SO** as realiza com as fricativas surda e sonora² (exemplos: *zìgola* ['sigola]; *zöch* ['zøk])³.

O dialeto da comunidade mantém também arcaísmos lexicais, hoje raros no falar trentino (*làica* ['lajka], *pàita* ['pajta] <preguiça>; *scaravànzi* [skaɾa'vansi] (**SO**), *scaravànci* [skaɾa'vantʃi] (**S**) <ervilha>. As variantes trentinas preservam as vogais anterior *u* [y] e posterior *ö* [ø] (*föch* ['føk] <fogo>; *sut* ['syt] <enxuto>), cada vez mais em desuso no dialeto trentino europeu.

A comunidade mantém muitos costumes e tradições de sua terra de origem, características que a diferenciam no contexto regional. Os descendentes utilizam muitas palavras trentinas na variante falada do português da comunidade, inclusive com influências no plano articulatório, que lembram os falares coloniais do Sul, e que Leme (2002, p. 107) chamou de *variante misturada*. Tal modo de falar identifica e diferencia os habitantes dos bairros no contexto regi-

² O dialeto trentino utiliza o símbolo *z* tanto para representar as fricativas alveolares vozeada e desvozeada, cuja pronúncia no dialeto trentino muitas vezes se alterna nas variantes.

³ A grafia do dialeto trentino utiliza /z/ para ambos os casos, por causa da variação existente no uso das fricativas alveolares nas variantes dialetais.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

onal, sendo logo chamados *tirolese*s quando em contato com os demais piracicabanos.

O trentino foi o idioma de uso cotidiano de toda a comunidade até meados da década de 1970, quando ocorreu uma *ruptura* cultural e social causada pela busca de melhores condições de vida e emprego fora da comunidade. Esse período marcou a entrada definitiva do português na fala das gerações mais novas, inclusive por influência da escola, quando as professoras (vindas de fora) privilegiavam o português e estigmatizavam o dialeto trentino, que se mantém hoje no falar dos indivíduos mais velhos da comunidade.

Os falantes mais velhos do trentino, em situações de fala do português, apresentam dificuldades de comunicação e trazem muitas interferências do dialeto, que mesclam com o português da variante caipira piracicabana. Os mais jovens da comunidade falam somente o português (com raros casos de falantes bilíngues), mas apresentem um considerável número de palavras trentinas no seu vocabulário. Uma vez que uma comunidade linguística não é homogênea nem autossuficiente em seu sistema linguístico (WEINREICH, 1953), a realidade de bilinguismo na comunidade é bastante diversa, e não se pode estabelecer um parâmetro de acordo com a faixa etária, pois há núcleos familiares onde o léxico trentino limita-se a poucas palavras.

***1. Características fonéticas do português entre os descendentes tirolese*s**

Ao tratarmos dos aspectos sociais e linguísticos que moldaram o falar característico da comunidade, é importante ressaltar que sua linguagem foi formada em dois casos de contato: o primeiro ocorreu entre as variantes dialetais trentinas dos primeiros imigrantes quando das fundações dos bairros; o segundo entre o dialeto trentino e o português. Este último caso pode ser subdividido em duas situações:

- a) contato com a variante caipira de Piracicaba (contato com habitantes de outras localidades da cidade);

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

b) contato com a variante culta do português (português padrão), referente principalmente às novas gerações que realizam atividades fora da comunidade (estudos e trabalho).

A cidade de Piracicaba é dividida em cinco distritos, além do centro e os bairros rurais que formam a comunidade tirolesa pertencem ao distrito de Santa Teresinha, onde a variante caipira é encontrada com mais frequência do que na região central. A influência do português no trentino foi sobretudo de caráter lexical, com casos raros de influência fonológica (como o uso da lateral palatal sonora [ʎ] e morfossintática (casos de empréstimos como [ˈnar mˈbɔra] <ir embora>). A influência fonética do trentino na variante falada do português da comunidade ocorre entre os falantes de todas as gerações de descendência. Há atualmente cinco gerações de brasileiros, descendentes de tiroleses. Alguns poucos membros, pertencentes à primeira geração, apresentam um português com muitas influências do dialeto trentino.

É característico do falar piracicabano o uso da retroflexa alveolar sonora [ʎ] em posição pré-vocálica [kaˈʎa] e pós-vocálica [sinaˈleːʎ], pré-consonantal [uˈʎtʃiga] e pós-consonantal [ˈfʎakʊ]. A retroflexa típica de Piracicaba é substituída na comunidade tirolesa pela vibrante simples [r] (sobretudo entre os mais velhos), pela vibrante múltipla [r̃] (em todas as gerações) ou pela fricativa velar surda [x] (entre os falantes mais jovens). A baixa ocorrência da retroflexa no falar da comunidade é considerada um diferencial de prestígio, que não caracteriza a fala da comunidade tirolesa enquanto *caipira* (no sentido pejorativo do termo, significando *peessoa inculta*). Ainda que os sons da variante caipira sejam muito semelhantes aos sons do português (AMARAL, 1920), a retroflexa é geralmente considerada pela comunidade como própria dos bairros vizinhos e não de sua fala, ainda que ocorra entre alguns indivíduos pertencentes às gerações mais novas, que utilizam as vibrantes simples e múltipla ou a fricativa velar [ˈkaro] [ˈkaxo] [ˈkaɾo] <carro>; [aˈɾɜme] [aˈrame] [aˈrame] [aˈɾɜme] <arame>.

As regras alofônicas atuantes na variedade atingem um razoável número de palavras do português, que apresentam contexto favorável ao surgimento dessas regras como, por exemplo, a presença de

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

alofones diferentes para a ocorrência da vogal baixa nasalizada e para o ditongo *-ão*, também confirmados por Leme (2002, p. 131), com uso do monotongo nasalizado [õ] como alofone de /awN/ em substituição de [ãw] ou [ẽw], mesmo em sílaba tônica: [nõ] invés de [nãw]; [põ] invés de [pãw]. Muitos dos descendentes não apresentam na fala a centralização da vogal baixa [a] quando nasalizada, traço típico do Português Brasileiro nos contextos fonológicos do tipo /vN/ (vogal mais nasal na coda), ocorrendo casos como [nãw] <não> entre falantes de todas as gerações.

As variantes coloniais do Sul do Brasil não apresentam uma regra de alçamento vocálico que torna as vogais anterior e posterior médio-fechadas [e] e [o] em vogais anterior e posterior fechadas [i] e [u] / [ʊ] quando em posição postônica, sobretudo em final de palavra: [ʔavi] <ave>, [ʔfatʊ] <fato> – trata-se de uma característica histórica da fala paulista e de demais áreas brasileiras (VIARO, 2005). A variante do português da comunidade possui semelhanças com os falares do Sul do Brasil, inclusive na prosódia e a regra de alçamento, que em Piracicaba ocorre na área urbana (variação de prestígio), aparece na comunidade entre os indivíduos com maior nível escolar: gerações mais jovens que frequentam (ou frequentaram) as escolas e faculdades da área urbana de Piracicaba e região. O uso das africadas [tʃ] e [dʒ] antes das vogais anteriores [e] e [i] não é comum na variante caipira de Piracicaba e praticamente não ocorre entre os falantes da comunidade tirolesa: [ʔleʃte], [ʔmɔʀte], [ʔtia], [ʔporto].

Na variante do português da comunidade existe um grande número de empréstimos lexicais do trentino. As palavras mais usadas são as mais variadas e ocorrem entre todas as gerações de falantes:

barèa <nojo; asco>

bródegh <sujo; imundo> (alemão tirolês *pluetig* <sujo de sangue>)

brut <coisa ruim; difícil; feia> (difundida a interjeição *que brut!* <que ruim!>)

cistàr <espirrar>

fistola <afta bucal>

ghèto <bagunça; confusão> (fazer um *guéto* <bagunçar>)

làica <preguiça>

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

lavàr zó (SO) / lavàr gió (S) <lavar louça>
magàri <talvez>
matèla <moça> (alemão tirolês *Madel*)
mus! <precisa!> (do verbo alemão *mussen* <precisar>)
sbadaciàr <bocejar>
schifo <nojo; náusea>
esquifoso <nojento> (no trentino *schifós*)
sghit <fezes de galinha ou pássaro> (alemão *Scheisse* <escremento>)
sgnàpa <aguardente; embriaguês> (alemão *Schnaps* <aguardente>)
spùssa <mal cheiro>
spussolento (no trentino *spussolént* <fétido>)
stomegàr <enjoar>
stomegado <enjoado> (trentino *stomegà*; *-ado* ocorre por influência do português e da forma feminina trentina *stomegàda*)
ràntega <asma>
rùga <lagarta>

2. Empréstimos da variante caipira no dialeto trentino

A influência do português no dialeto trentino existe na comunidade desde a fundação dos bairros, pelo contato dos moradores com pessoas dos bairros vizinhos. Algumas palavras da variante caipira de Piracicaba ocorrem na fala de todas as gerações, principalmente no português falado pelos mais velhos falantes. Palavras de origem indígena ocorrem no dialeto trentino de Piracicaba, que preserva um considerável número de palavras oriundas da *língua geral* outrora falada em boa parte do Brasil.

O dialeto trentino da comunidade utiliza várias palavras da variante caipira, com com realização fonética idêntica à variante caipira de Piracicaba. Na maioria dos casos, o dialeto tende a adequar as palavras às características fonéticas do trentino, inclusive com casos de mudança de entonação de uma sílaba para outra.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Variante Caipira Piracicaba	Trentino piracicabano	Significado
[tra'ira] [taɣa'ira]	[tara'ira]	traíra (espécie de peixe)
[baso'ɣa]	[baso'ra]	espécie de arbusto
[bo'dɔke]	[bo'dɔka]	estilingue
[buti'kaba] [boti'kaba]	[boti'kaba] [boti'kava]	jaboticaba
[kaj'era] [koaj'era]	[kaj'era] [koaj'era]	coalheira; peça de couro que se coloca sobre o arreo
[ka'lipiʊ]	[ka'lipio]	eucalípto
[kalipi'a]	[kalipi'a]	bosque de eucalíptos
[kapɔw]	[ka'pon]	capão; moita
[xu'bi]	[ru'bin]	rubim (planta medicinal contra bicheira em animais)
[ʔɛka]	[dʒɛka]	Jeca
[mo'rɔw]	[mo'ron]	mourão
[ʒagwati'rika] [ʒag-wati'rika]	[dʒagata'rika]	jagatirica
[ʒaka're]	[dʒaka're]	jacaré
[ʒata'i]	[dʒataj]	jataf; jatobá
[mɔdu'i]	[maŋdu'i]	amendoim
[laɣ'gatʊ]	[lar'gat] [lar'gata]	lagarto
[onsa]	[onsa]	onça
[o'ɣisʊ]	[o'riso]	ouriço
[pita'siwʊ] [pi-ta'si'va]	[pinta'selva]	pintassilgo
[xo'ɔw]	[ro'dʒoŋ]	rojão
[uɣu'bu]	[ru'bu]	urubu
[gaj'ava]	[gaj'ava] [sgaj'ava]	goiaba
[is'teɣa]	[s'tera]	esteira para grãos
[goja'beɣa] [gaja'beɣa]	[goja'vare] [gaja'vare] [sgaja'vare] [sgaja'vara]	goiabeira
[tɣa'toɣ]	[stra'tor]	trator
[tɔke]	[tanke]	tanque; açude
[tafʊ]	[tas]	tacho
[a'veka]	[venke]	avenca
[zã'gɔw]	[zan'gon]	zangão

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

[ˈʃapa]	[ˈtʃapa]	chapa
[beˈzoxʊ]	[beˈzofo]	besouro
[kaxaˈpatʊ]	[kafaˈpat]	carrapato
[kaˈlũʃʊ]	[kaˈruntʃo]	caruncho
[kiˈtaw] kiˈta]	[kinˈtal]	quintal; pátio
[koˈkeʃʊ]	[koˈkeʃ]	coqueiro
[koˈkĩn]	[koˈkin]	coquinho
[ĩkosˈta]	[nkosˈtar]	enconstar
[ĩfexuˈʒa]	[nferuˈdʒar]	enferrujar
[ˈʒaka]	[ˈdʒaka]	jaca
[aɛjo] [zaˈrejo]	[zaˈrejo]	arreio

A palavra *bùlgher* [ˈbʊlɡɛʃ] ou *bùlghero* [ˈbʊlɡɛʃo] para designar *bugre* (índio)⁴ não é um caso apenas da comunidade piracicabana. Também Bonatti (1974, p. 80) registra *bùlgher* no dialeto trentino de Rio dos Cedros – SC, o que torna interessante a sua etimologia no Brasil, uma vez que a palavra ocorre de forma idêntica em duas colônias trentinas distintas.

⁴ Segundo o dicionário Houaiss, a palavra “bugre” se originou do francês *bougre* <bùlgaro>, originário da forma latina medieval *bulgarus* <bùlgaro>, registrada pela primeira vez em 1172 com significando de *herege* ou *sodomita*. A palavra possuía na Idade Média um acentuado sentido pejorativo, associado à seita herética dos bogomilitas que se desenvolveu na Bulgária do século IX, cujo nome se origina em seu fundador, o padre Bogomil. A seita búlgara era associada entre os bizantinos ao maniqueísmo, por sua semelhança com a asiática heresia maniqueísta do século VII. A seita negava o mundo material, considerado uma obra do demônio, artífice da natureza (e presente na natureza humana); desse modo, a seita negava os ensinamentos da Igreja, a liturgia, os sacramentos, o casamento, a autoridade eclesiástica e tudo o que consideravam perecível (não comiam carne). Na Europa Ocidental, a denominação “bùlgaro” foi associada à heresia e, no decorrer dos séculos, aos atos considerados heréticos como a sodomia, a prostituição, a pederastia, o incesto e o peculato eram associados ao termo *bùlgaro*. Em Portugal, a palavra chegou através da França, sob a forma de *bougre*, significando herege ou sodomita. Freyre (1963, p. 178) afirma que o herege era imediatamente associado ao sodomita, de forma que uma condenação gerava a outra. No Brasil, os portugueses chamaram os índios *bugres* por seus hábitos selvagens (nudez, antropofagia) e sua moral vacilante (poligamia, sodomia). Brunello (1996, p. 21) afirma que na península itálica do século XIX, as palavras *bulgaro* ou *bulghero* preservavam o significado herético, não indicando somente os sodomitas, mas também as pessoas de hábitos brutos e incivilizados. Podemos registrar a palavra *Buger* <bugre> que ocorre como [ˈbʊɡɛʃ] ou [ˈbʊɡaʃ] na cidade de São Bento do Sul, em Santa Catarina, colonizada sobretudo por emigrantes alemães (maioria bávaros e suábios); também registramos *Bugersbach* [bʊɡɛʃˈbah] [bʊɡasˈbah] <rio dos bugres>.

3. Derivação e neologismos

No domínio semântico da flora e da fauna se encontram mais casos, com vários empréstimos do português caipira, mas há ainda casos em outros domínios. A derivação seguiu na grande maioria dos casos a partir do modelo gramatical e fonológico do trentino, com aparecimento das variantes alomórficas *-âr, -âra, -âre, -âve, -êr* e *-êr* em variação livre. Atentamos aqui para o caso das palavras *goiaba* e *goiabeira*, que no trentino piracicabano ocorrem de diversas maneiras e que apresentam, além da adequação fonética trentina, preservação de formas próprias da variante caipira [gaj'ava] [gwaj'ava]. A partir deste caso, surge a forma *gaiavão* [gajavãw] ou [gaja'võ] <desdentado; banguela>, com analogia entre uma goiaba cortada ao meio (cuja polpa é vermelha e com poucas e pequenas sementes brancas) e uma pessoa sem dentes (a gengiva, vermelha, e os poucos dentes brancos). Supomos duas fases referentes à etimologia da palavra: na primeira, da palavra *goiaba*, que no dialeto caipira ocorre como *gaiava, gaiaba, guaiaba* ou *guaiava* e sofreu *trentinização*, originando, assim, as formas *gaiàva* ou *gaiavón* (em uso na comunidade juntamente com as formas *sgaiàva* e *sgaiavón*); do termo *gaiavón* <que lembra uma goiaba>⁵, o alofone [õ] sofre influência do ditongo nasal /auN/ do português, ocorrendo *gaiavão*.

4. Conclusão

A preservação de palavras da variante caipira no dialeto trentino de Piracicaba serve para identificar o léxico não somente da comunidade tiroleza, mas o contexto linguístico da região piracicabana. Formas arcaicas do dialeto trentino são preservadas na fala de comunidade e o pouco contato com a variante culta do português preservou duas variantes dialetais próprias a cada bairro e um considerável número de palavras da variante caipira do português. Os registros dessas palavras, quando analisamos o dialeto da comunidade ou sua variante falada do português, auxiliam para um registro mais abrangente acerca do léxico da variante caipira no Estado de São Paulo. É

⁵ São comuns no dialeto trentino os termos *barbón* <barbudo>, *reción* <orelhudo>, *ciacerón* <conversador>.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

sabido que comunidades de imigração geralmente preservam em seu falar diversas palavras do português que foram incorporadas aos seus idiomas originais em determinados momentos históricos e ali se preservaram, indicando estágios da língua que os meios de comunicação de massa ou suprimiram, ou substituíram pela norma culta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática – vocabulário*. São Paulo: Hucitec, 1920.

ANEGI, A. *Dizionario cembrano*. S. Michelle all'Adige: Museo degli usi e costumi della gente trentina, 1984.

BATTISTI, Carlo. *La distribuzione dei dialetti trentini*. Firenze: R. Bemporad, 1960.

BONATTI, Mario. *Aculturação linguística*. Lorena: Faculdade Salesiana / IEHVI, 1974.

FERREIRA, Carlota et alii. *Diversidade do português do Brasil – estudos de dialetologia rural e outros*. Salvador: Proed, 1992.

FRANCESCHI, Temistocle; CAMMELLI, Antonio. *Dialetti italiani dell'ottocento nel Brasile d'oggi*. Firenze: Cultura, 1977.

FROSI, Vitalina & MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

LEOPOLDINO, Everton Altmayer. Características do dialeto trentino. *Revista Organon*, número 44/45. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

LEME, Maria Luisa de A. *Dio, che brut studá... um estudo linguístico da comunidade tirolino-trentina da cidade de Piracicaba*. Campinas: UNICAMP, 2001.

NATAL, Ada. *O dialeto caipira da região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.

VIARO, Mario Eduardo. *A construção verbo+advérbio de lugar no romanche: herança latina ou decalque germânico?* Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 2001.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

_____. *Algumas considerações acerca do português falado quatrocentista e quinhentista*. São Paulo: USP, 2005.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact*. The Hague: Mouton, 1953.